

## A CONSTRUÇÃO DA OPINIÃO PÚBLICA POR MEIO DOS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO: COMO O JORNALISMO SE APROPRIA E REPERCUTE AS IDEIAS DE DIREITA E ESQUERDA

Ana Clara Panontin Scarabelli (IC) e Denise Cristine Paiero (Orientadora)

**Apoio: PIVIC Mackenzie**

### RESUMO

Este artigo se propõe a levantar algumas das estratégias usadas pela imprensa brasileira para a construção da opinião pública por meio das revistas Carta Capital e Veja. Além disso, também é função deste estudo trazer questionamentos de como o jornalismo se apropria dos ideais de direita e esquerda e como tal construção é transformada em conteúdo que, muitas vezes, passa despercebido pelo leitor.

Por meio da análise das edições especiais sobre o impeachment, de sete de setembro de 2016, das revistas Carta Capital e Veja, a partir do método de pesquisa qualitativo, com análise de capas, fotografias e legendas, matéria de capa, espaçamentos e linguagem, os resultados demonstraram que a mídia, por vezes, utiliza de recursos como forma de passar um determinado ponto de vista (da revista) de maneira com que o mesmo passe despercebido pelo leitor. Sendo assim, o leitor acredita que está consumindo uma publicação neutra, quando, na verdade, esta sendo induzido por pontos de vista prontos e opiniões.

**Palavras-chave:** Opinião Pública; Mídia; Direita e Esquerda

### ABSTRACT

This article proposes is to summarize and analyze some of the strategies used by the Brazilian press for the construction of public opinion through the magazines Carta Capital e Veja. In addition, it is also the function of this study to raise questions about how the journalism can appropriates the "right and left" ideals and how this construction is transformed into content that is often overlooked by the reader.

Through the analysis of the special editions on the impeachment, of September 7, 2016, of the magazines Carta Capital e Veja, from the qualitative research method, with analysis of covers, photographs and subtitles, cover matter, spacing and language, the results have shown that the media, frequently, uses distinct resources as a way of passing a certain point of view (of the magazine) without being noticed by the reader. Thus, the reader believes that he is consuming a neutral publication, without any kind of angulation, when, in fact, it is being induced by ready points of view and opinions.

**Keywords:** Public Opinion; Media; Right and Left.

## 1. INTRODUÇÃO

A mídia tem papel fundamental e estratégico na formação da opinião pública, entretanto, sua função não é, e não deve ser, considerada como única na construção da opinião junto à sociedade. Para debater tal temática, é importante partir do conceito de que a informação chega à sociedade através de uma "pauta" básica, na qual os mais diversos grupos da sociedade estão inseridos e 'agrupados', seja por interesses em comum, ou atraídos pelo mesmo tipo de enfoque, dado por certo veículo de comunicação. Sendo assim, os públicos de cada veículo são, em sua maioria, compostos por indivíduos com os mesmos tipos de preferências e opiniões, antes mesmo de serem afetados por outros tipos de influências. De acordo com as escolhas e com a teoria do agendamento, selecionam-se os temas a serem noticiados.

*Agenda-setting* é considerada mais do que a clássica asserção de que as notícias nos dizem sobre o que pensar. As notícias igualmente nos dizem como pensar acerca disso. A seleção de objetos para a atenção e a seleção dos enquadres pensados acerca destes objetos são o ponto forte do papel do *agendasetting*. (MCCOMBS, 1993, apud. COLLING, 2001, p. 94, online).

Para Cervi (2009, online) é essencial considerar que os meios de meios de comunicação não são apenas 'espaço para debate'. Eles também formadores de opinião, com interesses e demandas como qualquer outro ator social envolvido no debate público. Sendo assim, o autor explica que os meios de comunicação são parcialmente capazes de representar a opinião pública, porém, como também são agentes interessados, geram uma distinção entre opinião pública e opinião publicada.

A opinião deixou de ser um ato pessoal, uma posição solitária, um gesto de orgulho e desafio. É o jornal, é o rádio, é a televisão, é o anúncio, é o partido que pensa por nós. Há sujeitos que nascem, envelhecem e morrem sem ter jamais ousado um raciocínio próprio. Há toda uma massa de frases feitas, de sentimentos feitos, de ódios feitos. (RODRIGUES, 1997, apud. BRANDÃO, 2010, p.5, online).

Ao mesmo tempo em que a mídia tem grande importância na construção da opinião pública, o mesmo processo ocorre com a construção dos discursos políticos, sejam eles de direita ou esquerda. A construção deste discurso político (esquerda e direita) é uma discussão muito recorrente e comum nos mais diversos momentos da história. Independente do momento político, social ou econômico, as discussões deste cunho mantêm-se sempre como um prato cheio para a imprensa brasileira, sendo notável a sua ascensão em momentos políticos mais calorosos, de conflitos ou até mesmo durante períodos de forte perda de identidade. Sendo assim, a questão de "direita x esquerda" vem ganhando mais força na mídia em momentos como o atual (desde meados do primeiro semestre de 2013), de instabilidade, perda de

identidade e, principalmente, quando as pessoas precisam se sentir inseridas em algo para se nortear.

À mídia, como espaço de comunicação, converge opiniões em confronto. À mídia, enquanto espaço público, compete divulgar, e mesmo comentar, o confronto, e extrair dele a opinião convergente, ilesa, protegida das paixões. (CERVI, 2009, online).

Dentro deste quadro de grandes dúvidas e falta de conceitos, o discurso político se mantém como um grande aliado no processo da construção da opinião pública. São poucas, ou quase inexistentes, as matérias e documentos jornalísticos isolados que não contenham posicionamentos ideológicos ou opiniões, seja como a própria linha editorial do veículo, ou diferentes tipos de angulações, diretas ou indiretas.

Mesmo tendo conhecimento da atual influência, alcance e monopólio do poder da mídia, os problemas como a falta de diversidade e pluralidade na construção da opinião pública, além da falta do caráter fiscalizador, continuam colaborando, assim, para o monopólio da opinião pública e de conceitos errôneos de direita e esquerda. Não apenas isso, mas, ao decidir e dizer o que cada cidadão deve pensar a respeito de cada tema, a imprensa acaba com o pouco de criticidade que ainda resta à sociedade.

Diante do exposto, este estudo buscou esclarecer o seguinte problema:

**Como o jornalismo se apropria e repercute as ideias de direita e esquerda nas publicações impressas?**

Assim, também alcançar os objetivos específicos a seguir:

- De que forma os veículos de comunicação aqui analisados constroem o ideal político?
- Como os veículos apresentam as ideias politizadas de direita e de esquerda?
- O que há por trás do discurso midiático, de direita e esquerda, que o torna capaz de atingir seu público alvo?

A falta de diversidade na construção da opinião, sobretudo através dos discursos de direita e esquerda, e a insatisfação de parcelas da sociedade para com esse tipo de cobertura reforçam a importância de tal temática. Observar a frequência com que matérias distorcem a realidade de temas da atualidade, não só brasileira, como mundial, e apresentam angulações por vezes duvidosas, e como são refletidas na quantidade de conteúdo direcionado para cada um dos lados, sendo ambos baseados no mesmo fato e momento, me conduziu a propor esta pesquisa.

Pensar e prezar pela qualidade e seriedade das produções jornalísticas são atitudes extremamente importantes, e a mídia, ainda hoje, necessita rever o modo como estimula a opinião pública e como se apropria dos discursos de esquerda e direita, buscando dar espaço de abertura a novas angulações, preservando assim à pluralidade de conteúdo a qual o consumidor tem direito.

Diante de tais problemáticas, o projeto visa discutir e analisar de que forma os veículos de comunicação se apropriam e repercutem as ideias políticas de direita e esquerda, reforçando a questão dos estereótipos, e como tais ações influenciam no processo de construção da opinião pública.

Por ser tão essencial e constantemente atual, a construção da opinião se torna relevante e seus possíveis efeitos devem ser estudados, tendo em vista a quantidade de indivíduos atingidos. Para eficácia da análise, foram escolhidas estrategicamente as revistas impressas *Veja*, revista com maior tiragem – e alcance – no Brasil, com posicionamento claramente à direita, e sua oponente ideológica, *Carta Capital*, que embora apresente uma tiragem muito mais baixa em relação à primeira, traz ao leitor publicações com forte posicionamento à esquerda.

A escolha do período de análise das publicações das revistas (setembro de 2016) foi referente a situação política, social e econômica vivenciada no Brasil, que passava por um momento de quebra de ordem e instabilidade. Denúncias envolvendo os partidos políticos, deputados federais e até mesmo membros do poder executivo, comissões parlamentares de inquéritos para apuração de denúncias, e a atual cobertura do impeachment e suas consequências (como as manifestações) permanecem como alvo de uma cobertura jornalística por vezes tendenciosa, momento onde é acirrada a dicotomia direita e esquerda.

A fim de alcançar respostas para as questões propostas, o método utilizado foi o qualitativo. A partir da seleção do material para análise, como editorial, capas, matéria de capa, fotografias, entre outros, vinculadas nas revistas impressas *Carta Capital* e *Veja*, referentes a 7 de setembro de 2016.

Em seguida, a pesquisa bibliográfica foi realizada com a busca de livros que abordassem tanto a temática da pesquisa quanto princípios conceituais, matérias jornalísticas, artigos acadêmicos, websites e estudos sobre a temática. Os resultados obtidos a partir da análise do material culminaram neste artigo final.

## 2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

A fim de responder as questões levantadas neste projeto pesquisa, os seguintes autores foram consultados e pincelam os textos recortados e as entrevistas realizadas.

### 2.1. A OPINIÃO PÚBLICA

A política, e a construção dos discursos de direita e esquerda, são sustentadas, há anos, pelos processos de comunicação. Nas ditaduras ou nos regimes democráticos, a comunicação vem servindo para convencer, ludibriar, louvar, dominar, legitimar, contestar, promover debater ou para realizar qualquer outro processo de interação entre atores interessados em continuar no poder, em disputa-lo, ou em chegar a um termo sobre determinada questão. (BRUXEL, 2005).

A origem da expressão opinião pública remonta ao final do século XVIII e está associada à ascensão da classe burguesa e liberal e, em consequência, ao surgimento das democracias modernas. Até então, fazia parte do repertório o termo “opinião”, mas sem a adjectivação “pública”. Opondo-se menos a “privado” ou “timido”, mas sim a “segredo”, “fingimento” ou “dissimulação”, o termo “opinião pública” nasce dentro do movimento de contestação do poder absoluto e arbitrário do rei. Contra as políticas de segredo dos monarcas, os parlamentares - membro de uma elite culta - tornam públicas as suas posições, ao mesmo tempo em que sugerem que a política seja feita com transparência, diante do público. Inicialmente, “opinião pública” foi menos a posição do público no sentido amplo do termo, mas mais aquela de uma elite social, que tornou pública a sua posição. A “opinião pública” é, assim, “uma espécie de máquina de guerra ideológica improvisada, durante o século XVIII, pelas elites intelectuais e pela burguesia de toga a fim de legitimar suas próprias reivindicações no campo político e enfraquecer o absolutismo régio”. (CHAMPAGNE, 1998 apud BRUXEL, 2005, p. 38).

De acordo com Laerson Bruxel (2005, online), nas teorias modernas de governo, os governantes precisam manter sintonia com a chamada opinião pública, seja para legitimar ou para buscar sustentação quanto à implementação de políticas públicas. Nas sociedades contemporâneas e de massa, o ator político que não se faz valer dos serviços do campo da comunicação tem dificuldades de sobreviver dentro desse novo jogo.

A opinião pública, que em tese da legitimidade ao governo, já não é mais o resultado dos confrontos que de desenvolvem em uma instância específica, institucionalizada, ao qual tem acesso somente os que obtém a delegação da sociedade através do voto. O novo processo traz elementos de uma pluralidade de manifestações. (CHAMPAGNE, 1998, apud BRUXEL, 2005, p. 11, online).

Se o campo da comunicação se apresenta como espaço privilegiado para a formação da opinião pública, qualquer discurso – seja de legitimação do poder ou que queira exercer algum outro tipo de influência – precisa, de alguma forma, considerar esta nova realidade. Para disputar e formar a opinião pública, torna-se necessário marcar presença na tribuna privilegiada.

O campo da comunicação caracteriza-se como um espaço privilegiado por onde circulam subsídios dos mais diversos campos. Como controlador do “lugar de fala” hegemônico na contemporaneidade, o campo midiático sempre seleciona e, depois, formata alguns pontos e/ou vozes que passam a ter maior visibilidade. A forma como esse material é organizado pode sugerir uma ou outra interpretação. Ao invés de uma simples instituição mediadora, a imprensa constitui-se em um ator neste processo de geração de subsídios que são lançados para a opinião pública. (BRUXEL, 2005. Online).

Dessa maneira, Bruxel conclui que ao fazer a seleção, o campo midiático, por meio do jornalismo, desempenha seu papel de não cair nas artimanhas comuns do campo político. Ao se negar a fazer a simples mediação de subsídios gerados pelos atores (interessados) que disputam a atenção da opinião pública, a mídia propõe-se a levar ao público informações que não estejam “contaminadas” pelos interesses mais imediatos e restritos de grupos políticos ou econômicos. Segundo o autor, a partir da perspectiva habermasiana, a opinião pública consiste no que resulta de um debate político, aberto e racional, a respeito de uma questão que seja considerada de interesse público.

A exigência habermasiana para uma autêntica esfera pública parece ter tornado impossível a realização da mesma na sociedade contemporânea, uma vez que, com o crescimento da imprensa, não haveria mais possibilidade de constituição de uma opinião pública com base no debate livre e argumentativo. Agora, a mídia e os grupos que ali transitam simplesmente estariam manipulando a opinião pública. (BRUXEL, 2005. Pag 20).

Por fim, Bruxel propõe que para chegar-se ao sucesso eleitoral ou ter apoio da opinião pública, o agente político precisa aparecer de forma positiva na esfera de visibilidade pública, em especial na cena midiática. No mesmo sentido, Habermas também se sustenta da ideia que o posicionamento que a maioria passa a adotar não como um fruto de um debate esclarecido, aberto e racional, e sim de uma simples adesão a uma ou outra posição dada pela mídia no espaço privilegiado da esfera pública.

Entretanto, não são todos os autores que concordam com o conceito de opinião pública. Segundo Bourdieu (1980, *apud* Bruxel, 2005), diante da complexidade de um posicionamento, que necessite de juízo crítico, torna-se praticamente impossível igualar o posicionamento intelectual de duas pessoas, muito menos de uma comunidade inteira. O autor acredita ainda

na possibilidade de existência de varias opiniões pessoais, ou seja, varias opiniões tornadas publicas sobre diversos temas, mas não uma opinião que represente a sociedade.

## **2.2.A CONSTRUÇÃO DE DIREITA E ESQUERDA**

Os discursos políticos, econômicos e sociais da direita e da esquerda, foram criados há aproximadamente 227 anos, no século XVIII, durante a primeira fase da Revolução Francesa (1789-1799), quando a burguesia procurava, com apoio das classes mais baixas, diminuir os poderes na nobreza e do clero.

Dentro desse contexto, o posicionamento de esquerda presumiria lutar pelos direitos dos trabalhadores e da população mais pobre, a promoção do bem estar coletivo e da participação popular dos movimentos sociais e minorias. Já a direita representaria uma visão mais conservadora, detentora de um comportamento tradicional, que buscava manter o poder da elite e promover o bem estar individual.

Em determinados momentos da história, ambas as ideologias assumiram posturas radicais e, nessa posição, tiveram efeitos e atitudes muito parecidas, como a interferência direta do Estado na vida da população, uso de violência e censura para contra opositores e a manutenção de um mesmo governo ou liderança no poder. Ao longo do século 20, parte do pensamento de esquerda foi associada a bases ideológicas como marxismo, socialismo, anarquismo, desenvolvimentismo e nacionalismo antiimperialista (que se opõe ao imperialismo). (MARTINS, A. 2015, Online).

Entretanto, para os brasileiros, a diferença entre as ideologias ainda aparece como uma questão complicada. Segundo Martins (2015, online), durante as eleições de 2014, a agência *Hello Research* fez um levantamento em 70 cidades das cinco regiões do Brasil perguntando como os brasileiros se identificavam ideologicamente. Dos 1000 entrevistados, 41% não souberam dizer se eram ideologicamente de direita, esquerda ou centro. A porcentagem dos que se declaram de direita e esquerda foi a mesma: 9%. Em seguida vem centro-direita (4%), centro-esquerda e extrema-esquerda, ambas com 3%, e extrema-direita (2%). Quando a pergunta foi sobre a tendência ideológica de sete partidos (DEM, PT, PSDB, PSB, PMDB, PV, PDT, Psol, PSTU), mais de 50% não souberam responder.

Segundo Martins, (2015, online) no Brasil a divisão entre os dois polos se fortaleceu no período da Ditadura Militar, onde quem apoiou o golpe dos militares era considerado da direita, e quem ia contra o sistema que estava sendo implantado, de esquerda. Com o tempo, outras divisões apareceram dentro de cada uma dessas ideologias. Hoje, os partidos de direita abrangem conservadores, democratas-cristãos, liberais e nacionalistas, e ainda o nazismo e fascismo na chamada extrema direita.

No início do século XX, os termos “Direita” e “Esquerda” passaram a assumir papel importante na definição de posicionamentos políticos específicos. Conceitos e dicotomias como conservadores-liberais, tories-whigs, republicanos-democratas, reacionários-radicais, brancos-vermelhos, dentre outras foram sendo substituídos e complementados pelos termos direcionais que passaram a fazer cada vez mais sentido para a opinião pública em geral. (OSTERMANN, F. 2014 Online)

Na esquerda são encontrados os socialdemocratas, progressistas, socialistas democráticos e ambientalistas. Na extrema-esquerda, os movimentos simultaneamente igualitários e autoritários. É possível, e comum, encontrar os chamados “centro”, pensamento que defende o capitalismo sem deixar de se preocupar com o lado social.

Direita e esquerda também têm a ver com questões morais. Avanços na legislação em direitos civis e temas como aborto, casamento gay e legalização das drogas são vistas como bandeiras da esquerda, com a direita assumindo a defesa da família tradicional. Nos Estados Unidos, muitos eleitores se identificam com a chamada direita cristã, que defendem a interferência da religião no Estado. (MARTINS, A. 2015, online).

A política de centro prega por mais tolerância e equilíbrio na sociedade. No entanto, ela pode estar mais alinhada com a política de esquerda ou de direita.

## **2.3. ANÁLISE DO MATERIAL**

### **2.3.1 Capas**

As duas capas das revistas, Veja e Carta Capital, apresentam-se como Edição Histórica e Edição Especial do Impeachment, respectivamente, informando ao leitor que o conteúdo da edição em questão será diferente das edições semanais regulares.

Capas das revistas Veja e Carta Capital, edição de impeachment





A Veja optou por uma capa pouco jornalística, trazendo um fundo totalmente preto com um único destaque para uma ilustração que faz alusão a morte do Partido dos Trabalhadores (PT), representado pela cor vermelha e pela estrela, além das datas 20032016, que conferem aos anos do PT no poder. Segundo os estudos das cores, o fundo preto significa e passa a ideia de luto, enfatizando a ideia do fim do partido. Para o leitor que apenas vê a capa da revista, fica uma impressão e afirmação do fim de um partido político, ao mesmo tempo em que a proposta da revista é analisar os processos do Impeachment e não somente um balanço do governo em poder.

Já a Carta Capital traz em sua capa um *layout* mais comum às revistas, com uma fotografia de Michel Temer assumindo a presidência. As chamadas, no canto inferior da página, são compostas por adjetivos em tons irônicos, como é o caso da frase “A farsa trágica: esta solenidade mais se assemelha a um enterro”, uma alusão ao fim da democracia, como a própria revista enfatiza em seus textos. As chamadas deixam de lado os verbos, comuns à redação jornalística, e focam nos adjetivos, enfatizando assim seu posicionamento.

As duas capas em questão utilizam-se de recursos gráficos, como as cores, ilustrações, chamadas e até mesmo a escolha da fotografia, para induzirem o leitor a seus respectivos posicionamentos, sem deixar claro que o estão fazendo. Além disso, as chamadas são pouco, no caso da Carta Capital, ou nada, no caso da Veja, informativas.

### 2.3.2 Editorial

O editorial da Veja, localizado na página 10, aparece como primeiro texto oficial da revista, como Carta ao Leitor, após algumas publicidades e mensagens dos leitores. Com um texto simples e direto, a revista mostra ao leitor o que vai encontrar ao longo da edição especial. No caso da Veja, com “Há um país para construir”, o texto fala sobre a saída de Dilma e procurar enfatizar a ideia de que era algo necessário e totalmente positivo para o sucesso econômico do País, como na frase de abertura: “O impeachment de Dilma Rousseff deve abrir caminho para a recuperação econômica do Brasil, hoje devastado pela mais profunda recessão de sua história, depois de uma epidemia de inépcia e descalabro”. (VEJA, 2016, p.10).

Temer é ilustrado, durante todo o editorial, como a solução para o País, visto sempre com esperança e prosperidade, apoiando também os ajustes propostos pelo então presidente, como ajuste fiscal e reformas trabalhista e previdenciária. Em seu texto, a revista faz a associação das ideias de regime democrático e Michel Temer, logo no início do segundo parágrafo.

Em um regime democrático, no entanto, a retomada econômica requer um ambiente político e civilizado, atuando com um mínimo de concórdia. Por isso, e não por outra razão qualquer, o presidente Temer, em seu discurso inaugural, em cadeia nacional de TV e rádio, disse o seguinte: “O momento é de esperança e de retomada da confiança no Brasil. A incerteza chegou ao fim. É hora de unir o país e colocar os interesses nacionais acima dos interesses de grupos”. (VEJA, 2016, p.10)

A Carta Capital, por sua vez, abre a revista com algumas publicidades, índice e cartas de leitores, e, pulando o editorial, vai direto para a editoria Brasileira, que traz uma matéria sobre o grafiteiro Ozi, saindo até mesmo do foco de edição especial. Na página seguinte, a revista começa a abordar o tema de política e impeachment com a editoria Rosa dos ventos, e a chamada “O caminho de Dilma”. A página é assinada por Maurício Dias, ou seja, traz os pontos de vista de um jornalista, e não da revista em si, como é de costume do editorial. Nenhum outro texto da revista cumpre a função do editorial, explicando para o leitor com o que ele irá se deparar ao longo das páginas ou um posicionamento oficial.

Um editorial claro e de fácil compreensão é o primeiro passo para um melhor entendimento, por parte do leitor, sobre o que ele deve esperar encontrar no restante da revista. Além disso, a partir de um bom editorial, é possível perceber quais tipos de angulações a temática em questão apresentará e, assim, o leitor teria a capacidade de diferenciar o que é opinião publicada naquele veículo de opinião pública em geral.

### 2.3.3 Matéria de capa: fotografias, legendas, chamadas e linguagem

**Carta Capital**

Na revista Carta Capital, a matéria de capa da edição em questão é encontrada entre as páginas 18 a 38. Nessas 20 páginas destinadas ao assunto da Edição Especial, o impeachment, é possível encontrar diferentes enfoques, variando desde questões econômicas, democráticas e até mesmo midiáticas. A diagramação mantém-se em tons de preto, sempre com olhos chamando atenção para frases de impacto de Mino Carta, quem assina a primeira matéria, e dos outros jornalistas. A matéria de capa é recheada de fotos durante todo o processo de impeachment e, por meio de legendas irônicas, chama a atenção do leitor para o enfoque que se pretende dar, como é o caso da legenda “E é o caso de rir?”, que induz ao leitor acreditar na falta de seriedade e responsabilidade dos outros políticos na foto, ao lado de Dilma, que permanece com expressões faciais neutras.

Matéria de capa da revista Carta Capital

**CAPA**

# A INTELIGÊNCIA IMPOTENTE

O IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF LEVA A UMA CONCLUSÃO INEVITÁVEL: UM PAÍS QUE ADMITE UM GOLPE DESTA NATUREZA CARECE DE SAÚDE MENTAL

POR MINO CARTA

**Q**uem, ainda dotado de um resquício de espírito crítico embora dado à auto-flagelação, se dispôs a assistir às sessões de segunda 29 e terça 30, derradeiros quadros do ato da farsa trágica intitulado *Impeachment*, o segundo, provavelmente, terá de cair em depressão profunda. O conjunto da obra imposto ao País, desde a explosão do escândalo da Petrobras até os dias de hoje ao longo de um enredo tortuoso e apavorante na sua insensatez, levava aquele cidadão, peculiar em relação à maioria, a se render à evidência: o maior problema do Brasil, muito antes do desequilíbrio social e da corrupção, é o quociente de inteligência baixo, baixíssimo. Um país que se permite um golpe desta natureza carece de saúde mental.

No palco o espetáculo engloba a plateia por inteiro, mesmo que muitos se situem meros espectadores, e representa um povo primitivo, da cúspide da pirâmide

**E É O CASO DE RIR?**

à base. Cordial não é certamente, como símbolo de alegre, bonachão, malemolente. E a pirâmide, a bem da verdade, é mais um estranhíssimo contubernio com um cone, ponta de agulha em vez da cúspide e uma base imensa e compacta. Um Frankenstein geométrico e social.

A resignação na base explica-se ao evocar três séculos e meio de escravidão, que deixaram a marca da chibata no lombo de dezenas de milhões de cidadãos privados da consciência da cidadania e geraram um preconceito feroz, conquanto hipocritamente negado até por quem, a despeito do “pé na cozinha”, agregou-se, ao enricar, a uma aristocracia de fancaria.

A resignação do povo merece pena em lugar de tolas interpretações. Ao cidadão ainda em condições de exercer o espírito crítico há de doer entre o fígado e a alma a forma pela qual a prepotência vinga e o cenário se aquieta, como se a farsa trágica em andamento fosse obra dos fadros, gregos, obviamente.

Está claro, de todo modo, que o golpe de 2016 é infinitamente mais grave do que o de 1964. Este provocou reações fortes, criou uma resistência e até uma luta armada, além do anseio de democracia autêntica, como jamais se dera até então, passível de ser atingida tão logo se fossem os ditadores. Se falo por mim, a ditadura

me levou ao entendimento da real serventia do jornalismo e me reteve no País graças a esse entendimento, destinado a oferecer motivação a um cético convicto ao excitar seu otimismo na ação.

**O** golpe destes dias devolve o Brasil aos tempos mais remotos e demole inexoravelmente todos os avanços ocorridos depois de 1985. Não foram demolidas a casa-grande e a senzala, mas avanços se deram, e o maior deles está na eleição de Luiz Inácio Lula da Silva em 2002. Foi divisor de águas na história brasileira tornar um ex-metalúrgico o primeiro mandatário. Aquele momento aparentou ser a prova provada da habilitação do Brasil à prática da democracia.

Lula teve méritos inegáveis, já apontados largamente por *CartaCapital* e reconhecidos mundialmente. Hoje o vemos perseguido por razões inconsistentes e até ridículas, com a pronta colaboração

**A ELEIÇÃO DE UM EX-METALÚRGICO À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA PARECEU A PROVA DA DEMOCRACIA CONQUISTADA. PARECEU...**

16 CARTACAPITAL.COM.BR

CARTACAPITAL - 7 DE SETEMBRO DE 2016 37

No corpo do texto, é possível notar algumas características marcantes, como o uso da palavra "golpe" em vários momentos, ao contrário da revista Veja, que a usa apenas em raríssimos

momentos durante toda a edição, e, quando usa, é com o objetivo de ironizar a discussão acerca do impeachment.

Além disso, é possível perceber uma tentativa de humanizar Dilma Rousseff por meio de palavras e adjetivos, além de diversas partes do texto exaltarem as dificuldades que ela teve que enfrentar, como por exemplo:

Dilma teve de suportar situações deploráveis, recheadas pela retórica mais hipócrita, pelas lacunas culturais dos interrogadores, frequentemente pela lida difícil com o vernáculo, e pela aterradora atuação do presidente do STF, Ricardo Lewandowski, avalista do desastre. (CARTA CAPITAL, 2016, p.18)

As fotografias utilizadas pela Carta Capital para ilustrar a matéria trazem outros políticos e pessoas envolvidas no processo em questão, sempre com uma abordagem diferente. As legendas perdem o caráter noticioso e explicativo do jornalismo e passam a utilizar sentidos mais figurados e irônicos, como é o caso das legendas abaixo:

Legendas de fotos da revista Carta Capital





As legendas das fotos, além de satirizar, acabam por induzir o leitor a uma visão ruim dos políticos em questão, tirando sua credibilidade. As fotografias escolhidas, por vezes, podem causar o mesmo efeito, inclusive de desestabilização, já que são momentos selecionados e, as fotografias acima, por exemplo, pode-se perceber que os momentos exatos foram selecionados, pegando os políticos em momentos estratégicos.

As chamadas e linha fina também trazem palavras estratégicas para reforçar a ideia de cada veículo. No caso da Carta Capital, destacam-se as chamadas: “A inteligência Impotente: o impeachment de Dilma Rousseff leva a uma conclusão inevitável: um país que admite um golpe desta natureza carece de saúde mental” (CARTA CAPITAL, 2016, p.16); “E fez-se o caos: o golpe atinge seu primeiro objetivo. Há outros, está claro. No mais, o Brasil trafega na treva cada vez mais densa” (CARTA CAPITAL, 2016, p.20) e “O triunfo da naftalina: derrotada a maré vermelha do PT, a era Temer há de restaurar aquele patriarcado viscoso e bacharelesco da República do Café com Leite” (CARTA CAPITAL, 2016, p.34).

Como pode-se notar nos exemplos acima, o discurso de direita e esquerda e golpe ou impeachment, está sempre presente até mesmo nas principais chamadas e linhas finas. De maneira planejada, o uso das palavras selecionadas, como “golpe”, “caos” e “impotente”, por exemplo, fazem com que o leitor assimile os fatos a partir do posicionamento do veículo e, assim, compre as ideias veiculadas em cada meio de comunicação. A partir da palavra golpe, o leitor assimila como uma coisa errada, injusta, bem como as palavras “caos” e

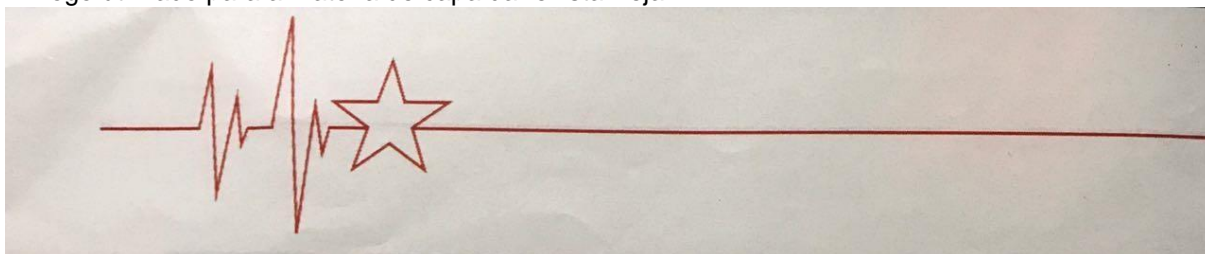
“impotente”, quando se referindo ao presidente Michel Temer, causam uma sensação de insegurança do leitor em relação a ele.

## Veja

Para iniciar a matéria de capa, a revista Veja brinca com um layout e design mesclando as cores pretos e branco, onde preto representa o luto e o fim e, conseqüentemente o governo de Dilma Rousseff; e o branco representa o início de algo novo, a esperança e, conseqüentemente, o início do governo Temer no poder. Além disso, a ideia é reforçada pelas palavras “fim” e “começo”, respectivamente na mesma ideia.

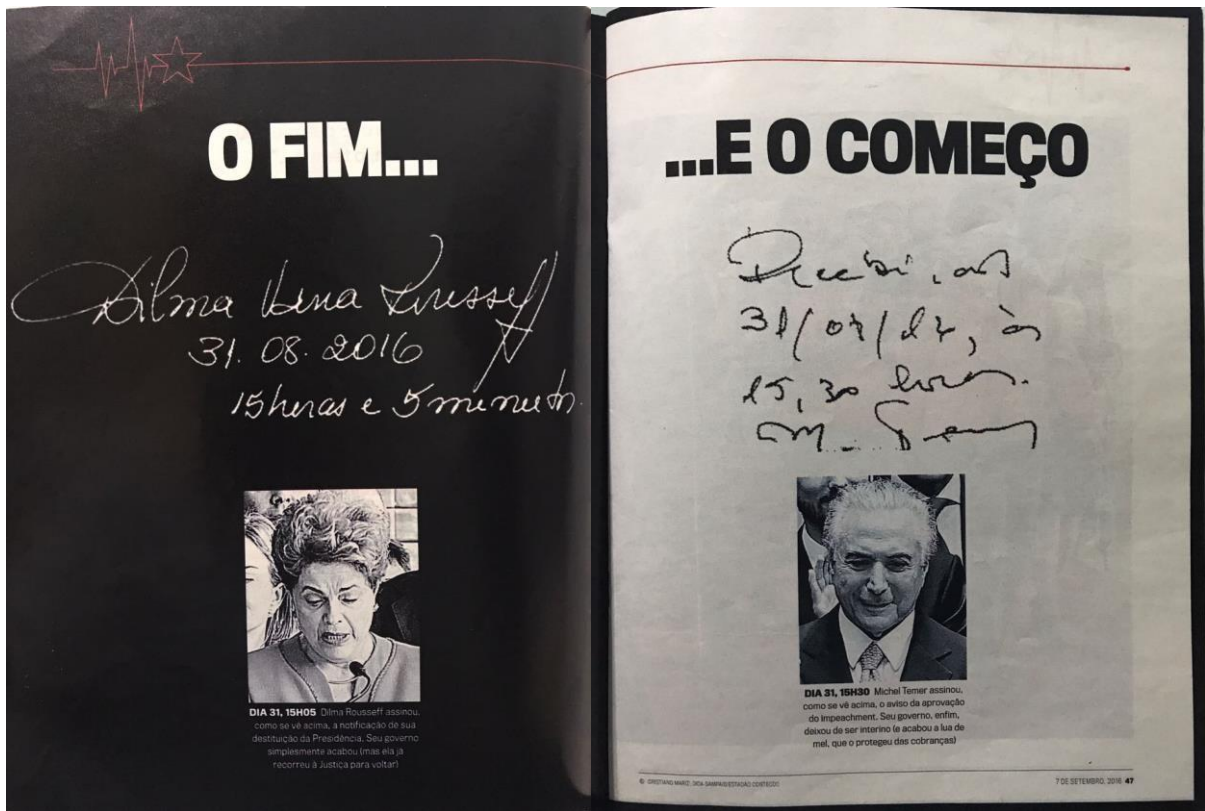
Com o design gráfico, todas os cabeçalhos das páginas da matéria de capa apresentam a mesma ilustração da capa. O desenho faz alusão a morte do partido político PT, a partida da linha de um eletrocardiograma, que mede os batimentos cardíacos, e assim, a situação do paciente. No início da linha, pode-se notar uma movimentação e a estrela, símbolo do PT, que mostram que o partido político esta “vivo”, sendo assim, no poder. Do meio até o fim do traço, a linha encontra-se exatamente estática, sem nenhum tipo de movimentação, o que, no eletrocardiograma, representaria a morte, o fim, bem como a revista quis trazer para a situação do partido político.

Logo utilizado para a matéria de capa da revista Veja



Sobre a linguagem, tanto a Carta Capital quanto a Veja utilizam praticamente o mesmo estilo, usando, por vezes, da ironia e reforçando os posicionamentos e personalidades por meio de adjetivos. Entretanto, cada uma das duas apresenta suas próprias singularidades. Enquanto a Carta Capital refere-se o tempo todo como golpe, a Veja se mantém afastada dessa palavra, usando-a apenas para ironizar o momento político e o pensamento das pessoas posicionadas mais à esquerda. Ao mesmo tempo, toda vez que necessário, a Veja reforça com a palavra impeachment e reforça por meio da ideia de legalidade e constitucionalidade da palavra e ação.


Abertura da matéria de capa da revista Veja



Por meio da linguagem, a revista também prepara o leitor para o início do governo Temer e enfatiza a ideia de que ajustes difíceis devem ser feitos, tirando assim parte da responsabilidade de possíveis dificuldades do presidente, como é o caso da chamada “Acabou a lua de mel: Temer, para conquistar a confiança dos investidores, terá de aprovar ajustes difíceis - e tourear os seus aliados” (VEJA, 2016, p. 58).

### Retomada do assunto

Artigos que fecham, respectivamente, as edições da Veja e Carta Capital



**J.R. GUZZO**

## ZERO NA SAÍDA

**DE TUDO** o que houve de ruim no governo do segundo presidente da República deposto legalmente do cargo na história deste país, o pior, feitas com calma todas as contas, parece ter sido a saída. É uma alta proeza, sem dúvida, quando se leva em conta a espetacular ruindade do desempenho de Dilma Rousseff em seus cinco anos e tanto de estada na Presidência — alguém é capaz de citar, falando sério, um outro governo pior que o seu em 127 anos de República? A deposição, quando enfim chegou, na semana passada, foi uma cerimônia de encerramento perfeitamente adequada à miséria do espetáculo em cartaz. Em momentos de trauma político de primeira linha, como deveria ser a deposição legal de uma presidente da República eleita, o protocolo prevê alguns instantes de drama intenso — ou, pelo menos, uns quinze minutos de grandza por parte de quem está sendo posto na rua. Foi o contrário disso tudo.

Na sessão decisiva do Senado Federal que acabou por cassar seu mandato, Dilma Rousseff gastou o dia inteiro que tinha à disposição para fazer sua defesa enchendo a paciência dos ouvintes com a leitura do que deveria ser obra magna de sua carreira política — e acabou sendo apenas mais uma monoteira de afirmações desesperadamente chatas, com atividade cerebral mínima e na maior parte do tempo incompreensíveis, neuróticas ou positivamente falsas. De uma presidente à beira da desgraça pública seria possível esperar algum momento mais caprichado em matéria de “fatar bonito”, imaginava-se, talvez, que tentasse “fazer um gesto”, algo como um “saio da vida para

entrar na história”, por exemplo, ou coisa parecida. Nada disso. O que se viu na prática, até o último minuto do último ato, foi Dilma Rousseff no papel de Dilma Rousseff.

“Não é 30% dos recursos da exploração”, resolveu dizer a ex-presidente a certa altura daquele que deveria ser, no seu mundo, o equivalente ao discurso de Marco Antônio no funeral de Jiffo César. Que diabo “recursos da exploração” e outras bobagens do mesmo tipo. O que o painel de votação do Senado mostrou na vida real é que Dilma não conseguiu encontrar mais que vinte senadores, num total de 81, dispostos a absolvê-la dos crimes de fraude fiscal pelos quais perdeu o mandato. Como governar o Brasil desse jeito?

Some-se a isso, para completar, o “apoio das mas” que deveria salvar o mandato de Dilma e o seu “projeto de sociedade” — e com o qual, no discurso em modo de rancor extremo que fez após a condenação, Dilma ameaça guerrear o governo legítimo que lhe sucedeu. Todo esse apoio somou um grande zero. Na hora suprema da resistência, o máximo que conseguiu mostrar foi uma fileira de pães queimados atrapalhando o trânsito de uma avenida em São Paulo. É um retrato que combina perfeitamente com um governo em ruínas. Dilma deixa a mais demorada recessão que a economia do Brasil já conheceu, 11 milhões de desempregados e uma destruição sem paralelo no patrimônio público — a começar pela Petrobras, privatizada em favor da corrupção confessa e contabilizada. Combina, sobretudo, com aquilo que esse governo realmente foi — uma minoria. ■

**O que se viu, até o último minuto do último ato, foi Dilma no papel de Dilma**

dos “30%” em sua fala de defesa promete sobreviver como um dos maiores clássicos do “dilemismo” em todos os tempos. Eis o que disse Dilma: “Não é 30% da receita da exploração. É 30% de 25%. Ou 30%... de 30%, portanto não é 30%. Está entre 7,5% ou um pouco mais de 12%. Não se trata de 30%”. Como de costume, a ex-presidente serviu esse ang de números com a cara brava, a voz irritada e um tom geral de impaciência; parecia que ela estava com raiva das porcentagens, coitadas. Ninguém entendeu coisa nenhuma, como sempre, mas aí é que está: Dilma Rousseff, na

**AFONSIÑO**

## Dilma e Lula

**► Enquanto se dissipam os emocionantes ecos dos Jogos, a baixa política impõe seu momento de farsa, inveja e vergonha**

**S**ou Dilma e Lula, do mesmo modo que sou Neymar. Ainda falta o STF, mas ao contrário dos que distorcem a presença dos dois na farsa do Senado, dizendo que com isso legitimaram o golpe, fica claro o destemor deles ao encarar e desmascarar a vergonha. A inveja dos “políticos” elitistas diante do gigantesco talento político de Lula é impossível de disfarçar ao ponto de se ridicularizarem nos pretextos de chácara e de um apartamento no litoral. Da mesma forma, ao inverso dos que diziam ficar mal para o Lula as “manchas” na biografia, aqueles lá vão carregar para sempre a pecha de golpistas.

Dilma é a pessoa que mais cresceu em todo o Brasil nos últimos tempos, tendo que contorcer o limite extremo da impaciência guerrilheira para engolir os tantos batráquios que a cercaram no cargo maior da República. Deu mostras fartas no enfrentamento dos algozes covardes.

O rebaiamento da política oficial brasileira nunca foi tão depressivo. Os cargos mais altos da República, nunca tão aviltados, dão bem a expressão das manobras golpistas que conduziram seus ocupantes ocasionais. Não faltou nem mesmo uma viagem à China para estabelecer a semelhança com o golpe anterior, de nefasta lembrança. Triste sina.

Enquanto se dissipam os ecos dos Jogos Olímpicos, aquecem-se os Parolímpicos. Avançam os campeonatos europeus com os últimos reforços no fechamento da “janela de transferências”. E o Brasileiro atrapalha-se, tropeçando nas próprias pernas. Irregularidade recorde.

No varejo, cada qual cuida de si à maneira que pode. O São Paulo, às voltas com um mandato-tampão, passa perrengue com o campo invadido por torcedores ensandecidos — situação absurda, que só prejudica o clube e impede o trabalho necessário para acertar o passo, ainda mais agora que o time levou do Botafogo o melhor técnico em atuação no Brasil.

**O Flamengo parece** ir se acertando fora e dentro de campo. Os gols de seu jogo decisivo contra o Figueirense, que o massacrara em Santa Catarina, foram obras-primas e algumas jogadas bem treinadas começam a aparecer em sequência. O desmanche no Corinthians prejudica notadamente o trabalho sério e consciente do excelente Cristóvão.

Por aí vamos, aos transes e barrancos, até o início de nova fase na Seleção, sempre perdendo um tempo de que não dispomos enquanto não se mudem as estruturas cauducas.

Se as emoções foram fortes nestas Olimpíadas e tanto se falou em superação, as disputas paralímpicas são testes de resistência para os corações e mentes. Mais um tempo nesta trégua das discussões pelas mudanças inadivéis na organização do esporte, a começar pela Fifa, de repente oferecendo “novidades”, como a proibição de reeleições seguidas nas entidades do futebol.

Os “Atletas pelo Brasil” já haviam estabelecido essa conquista nas entidades desportivas brasileiras. Continua a necessidade de uma definição sobre o sistema esportivo como um todo, anunciada há mais de um ano e com atraso de décadas. ■

**P.S. 1:** Ao participar da campanha para a construção do Estádio Dr. Sócrates Brasileiro, Junto à magnífica Escola Florestan Fernandes, do MST, em Guararema (SP), fui convidado a conhecer o local. Sempre fui de acordado, muitas vezes madruguei para as viagens do futebol, a começar pelo XV de Jau em crise (já estava acostumado, quando viajava de Kombi e voltava no meio das noites frias de São Paulo. Agora, ao ser promovido a “pele”, provei a vida de trabalhador rural, acordando às quatro e meia para chegar cedo do acolhe simpático rincão brasileiro que acolhe estudantes de toda a América Latina. Valeu a pena.

**P.S. 2:** Senti como uma flechada a notícia da perda do querido amigo Alcindo, o valente e controverso do Grêmio, da Seleção Brasileira e meu companheiro no Santos. O Bugre foi um dos mais brasileiros jogadores da nossa história, com o perfil de índio guerreiro que o colocou ao lado do caboço Zirinho e de outros raros. Amizade natural e espontânea, desencanaada sem nada mais que a simples presença e a admiração. Poucos tiveram tanta coragem ao enfrentar de peito aberto as zagas mais agressivas, como se nada houvesse de anormal. Compensadora a convivência fraterna com o “Negro Vêlo” — como ele gostava de tratar os amigos. Adeus, colunistas@cartacapital.com.br

Uma característica comum às duas revistas foi a retomada do tema no final, ao finalizar a edição. Após a matéria de capa, tanto a Carta Capital quanto a Veja, trouxeram conteúdos alternativos e distantes do enfoque do impeachment, como dicas culturais, tecnologia, economia e outros temas. Entretanto, na última página, no caso da Veja, e penúltima, no caso da Carta Capital, o tema do impeachment volta a parecer em forma de texto opinativo assinado. A veja, por exemplo, retoma a ideia que apresenta em sua edição com a abertura do texto de J. R. Guzzo:

De tudo o que houve de ruim no governo do segundo presidente da República deposto legalmente do cargo na história deste país, o pior, feitas com calma todas as contas, parece ter sido a saída. É uma alta proeza, sem dúvida, quando se leva em conta a espetacular ruindade do desempenho de Dilma Rousseff em seus cinco anos e tanto de estada na Presidência - alguém é capaz de citar, falando sério, um outro governo pior que o seu em 127 anos de República? (VEJA, 2016, p. 106)

O jornalista retoma ainda com adjetivos de conotação negativa, enfatizando a necessidade da saída de Dilma Rousseff do cargo.



### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff não somente deixou a sociedade dividida entre opiniões como criou um universo bipolarizado, fazendo com que as pessoas sentissem uma grande necessidade de se encaixar, obrigatoriamente, em um lado ou outro, como direita e esquerda. Grande parte dessa necessidade também foi encontrada e difundida pelos meios de comunicação que, logo de cara, escolheram um lado do muro para ficar e um conjunto de ideais e propostas para sustentar.

Sem saber o que pensar ou como pensar, a sociedade acabou recorrendo aos grandes jornais para construir suas próprias opiniões. O grande problema, à época – e nos dias atuais –, é que a cobertura jornalística que estava disponível à essas pessoas, mais uma vez, fugiu de sua proposta e função social, de realizar investigações, informar e deixar o próprio leitor criar suas próprias opiniões, e escolheu, junto aos seus interesses, uma angulação específica para realizar suas coberturas.

O lugar das informações foi substituído por opiniões e, o grande problema, é que os veículos de comunicação, no caso, Carta Capital e Veja, continuaram errando logo em seu ponto de partida: o editorial. Um espaço privilegiado, que deveria assumir a posição de cada veículo e a angulação utilizada na cobertura de cada assunto, e assim, informar ao leitor a partir de qual ponto de vista aquelas notícias estavam sendo dadas, não o fez, e continuou tendo seus espaços utilizados para difundir uma ideologia sem que a mesma fosse informada para o público que estava lendo.

Seria praticamente utópico nos dias atuais cobrar de um veículo de comunicação uma cobertura totalmente neutra e imparcial, entretanto, assim que uma angulação é assumida por determinado veículo, ela deve ser informada a seu leitor, para que este tenha plena consciência de que tipo de informação estará consumindo e assim, criar sua própria linha de pensamento. Com editoriais claros, o leitor poderia ter a consciência de que está diante de um certo tipo de conteúdo e não de uma única versão dos fatos.

Além de deixar de lado a estimulação do senso crítico e da construção de opinião, este conteúdo entrega, nas páginas seguintes ao editorial, uma opinião pronta para o leitor chamar de sua. Com o propósito de criar um amplo espaço de debate de diversos pontos de vista, as colunas representam um grande poder de influência para o leitor, o que poderia ser algo positivo, se fosse estimulado a partir de um pensamento crítico e com questionamentos.

Ao se deparar com um texto pronto, com um ponto de vista formado e argumentos estruturados, o leitor, que já não tem seu senso crítico estimulado, deixa de ver as colunas

como um espaço de discussão e pluralidade, e encontra nelas um prato cheio de ideologias para seu repertório. A formação da sua opinião sobre os principais assuntos acontece, então, a partir de um colunista com quem tem afinidade e que disponibiliza tudo em um único texto, de maneira prática, fazendo com que o leitor sequer tenha que fazer questionamentos ou análises sobre o tema. Esse fenômeno é encontrado nitidamente nas revistas analisadas, já que é consenso que pessoas politicamente posicionada mais à esquerda consome conteúdos da Carta Capital e, da direita, da Veja. Além disso,

A partir desse cenário, é possível dizer que o jornalismo praticado nesta edição das revistas funciona como uma forma de desserviço para a sociedade, no sentido que o leitor não chega a consumir uma notícia, mas apenas uma angulação e assim, uma opinião pronta, até mesmo porque, as informações ou análises mais aprofundadas ficaram de lado para dar espaço a textos rasos e apelativos.

São poucas, ou quase inexistentes, as matérias e documentos jornalísticos isolados que não contenham posicionamentos ideológicos ou opiniões, seja como a própria linha editorial do veículo, ou diferentes tipos de angulações, sejam elas diretas ou indiretas. Mesmo tendo conhecimento da atual influência, alcance e monopólio do poder da mídia, os problemas como a falta de diversidade e pluralidade na construção da opinião pública, além da falta do caráter fiscalizador, continuam colaborando assim, para o monopólio da opinião pública e de conceitos errôneos de direita e esquerda. Não apenas isso, mas ao decidir e dizer o que cada cidadão deve pensar a respeito de cada tema, a imprensa acaba com o estímulo ao senso crítico e ao famoso “pensar fora da caixa”.

#### 4. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, G. O papel estratégico da mídia na formação da opinião pública: o caso da aprovação da “união civil homoafetiva” no Brasil<sup>1</sup>. Disponível em: <<http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2013/05/GT-06-Culturapol%C3%ADtica-comportamento-e-opini%C3%A3o-p%C3%ABlica-Gilvan-F.-deAraujo.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

BRANDÃO, A. Nelson Rodrigues: o gênio reacionário. Revista UNIABEU: Belford Roxo, 2010. Disponível em: <<http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RU/article/view/57>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

BRASIL, F. Esquerda x Direita: Entenda de uma vez. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/cultura/esquerda-x-direita-entendade-uma-vez/>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

BRUXEL, L. O CDES na mídia: Gênese de uma esfera pública política na disputa pela opinião pública. Disponível em: < <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/4388>>. Acesso em: 6 jan. 2017.

BORDIEU, P. A fábrica de opinião pública. Disponível em: < <http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1074>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

CARTA, M. Opinião Pública, o que é?. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/opiniao-publica-o-que-e>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

CARTA CAPITAL: Edição Especial do Impeachment. [s.l]: Confiança, 7 set. 2016. Semanal. Edição 917. Ano XXII.

CERVI, E. A opinião pública e a publicada. Disponível em: < <http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/a-opiniao-publica-e-apublicada/>>. Acesso em: 29 abr. 2016.

COLLING, L. Agenda-setting e framing: reafirmando os efeitos limitados. Revista Famecos, n. 14, p. 88-101, abr. 2001. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3154/2425>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

JOSÉ, E. Esquerda e direita, uma luta atual. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/esquerda-e-direita-uma-luta-atual1420.html>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

MARTINS, A. Política: O que é ser esquerda, direita, liberal e conservador?. Disponível em: <<http://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/politica-o-que-e-ser-esquerda-direita-liberal-e-conservador.htm>>. Acesso em: 26 abr. 2016

SOARES, H.; OLIVEIRA, J. A construção da notícia em telejornais: valores atribuídos e newsmaking1. 2007. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0744-2.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2016.

TONCHIS, L. A construção da identidade política e a mídia. Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/blog/luiz-claudio-tonchis/a-construcao-da-conscienciapolitica-e-a-midia>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

TRAQUINA, N. O Poder do Jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento. Coimbra: Minerva, 2000.

VEJA: Edição Histórica. São Paulo: Abril, v. 36, 7 set. 2016. Semanal. Edição 2.494. Ano 49.

**Contatos:** [anaclarapanontin@outlook.com](mailto:anaclarapanontin@outlook.com) e [denise@mackenzie.br](mailto:denise@mackenzie.br)